

# VOO DA GAIVOTA, DE EMMANUELLE LABORIT: EXPERIÊNCIA DE VIDA, DO SILÊNCIO À LIBERDADE

## FLIGHT OF THE SEAGULL, BY EMMANUELLE LABORIT: LIFE EXPERIENCE, FROM SILENCE TO FREEDOM

Paula Xavier Scremin<sup>1</sup>  
Cláudia de Arruda Sarturi<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta é uma resenha do clássico publicado no Brasil no ano de 1994, pela Editora Best Seller, escrito pela atriz e autora francesa Emmanuelle Laborit. Trinta anos após a sua primeira publicação no Brasil, a obra permanece atual, retoma as discussões importantes que emergem a produção de conhecimento no campo dos Estudos Surdos. As áreas de conhecimento que atravessam a educação, cultura surda, política e militância da comunidade surda, na busca pelo reconhecimento da sua história e sua cultura, são narradas como marca, assim como o empenho e a luta contra o preconceito social, profissional, acadêmico, pedagógico, familiar, de uma época em que o movimento surdo iniciava os deslocamentos epistemológicos, conceituais, deslocando a surdez da ideia de deficiência para a de diferença cultural. Ao longo dos trinta anos muitas questões sobre a educação dos surdos avançaram no Brasil, como o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais, as políticas educacionais e linguísticas bilíngues que traçaram um caminho possível para uma vivência mais próxima das experiências de vida dos surdos. O objetivo deste artigo é retomar as narrativas da autora a partir de resenhas dos capítulos da obra, reescrito de forma mais fiel possível de escrita, de modo a compreender a representação de si acerca de suas experiências de vida, de onde emergiram a sua forma de expressar-se e perceber-se no mundo, contribuindo para o reconhecimento da sua história, sua cultura, reverberada a todo o povo surdo.

**Palavras-chave:** Voo da gaivota; experiências surdas; cultura surda

### *A gaivota*

Emmanuelle Laborit, nascida na França em 18 de outubro de 1971, é uma renomada atriz e diretora do Teatro Visual Internacional, em Paris. Suas contribuições

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestre em Educação e especialista em Educação de Surdos (UNISC), tradutora e intérprete (UCS). E-mail: [paulaxaviers@hotmail.com](mailto:paulaxaviers@hotmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6555-7326> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4959699677073469>

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação e mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e pós-graduada em Educação Especial/Faculdade Focus. Licenciada em Letras/Libras (UFSM/UFSC). É professora Adjunta do departamento de Educação Especial na área de Libras/UFSM. E-mail: [claudia.sarturi@ufsm.br](mailto:claudia.sarturi@ufsm.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6573-3393> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5875626283516277>

mais significativas estão no campo da literatura e do cinema, destacando-se o livro ‘O grito da gaivota’ (1993), no Brasil, ‘O Voo da Gaivota’ (1994) e o filme ‘Filhos de um Deus Menor’ (1986). Descendente do célebre cientista Henri Laborit (1914-1995), nasceu surda em uma família de ouvintes. Teve contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF), aos sete anos de idade. Sua dedicação incessante à defesa dos direitos da comunidade surda levou-a a se tornar uma embaixadora da Língua Gestual Francesa, destacando-a como uma figura proeminente no cenário da Literatura Surda internacional.

Partindo do reconhecimento da identidade surda pela autora, o livro é uma narrativa construída a partir das memórias da personagem, com o objetivo de enfatizar a importância da Língua de Sinais, da família, da arte e outros elementos fundamentais para o desenvolvimento da sua cultura surda e, conseqüentemente, para o sujeito surdo. Nesse contexto, a obra em questão pode ser descrita, primeiramente, como autobiográfica, uma vez que retrata a jornada pessoal e as experiências de Laborit como uma pessoa surda, na sociedade majoritariamente ouvinte.

### *A história de si, o começo...*

O primeiro capítulo, intitulado ‘Confidência’, narra a infância de Emmanuelle, caracterizada pelo seu modo de se comunicar através de gritos, os quais seus pais não compreendiam. Para eles, eram apenas ruídos, sem significado, comparáveis aos sons de pássaros marítimos planando sobre um oceano silencioso. Essa associação levou ao apelido ‘Gaivota’ dado a Emmanuelle. A autora relata que seus pais, inicialmente, acreditavam que ela era ouvinte, pois reagia aos sons, como o barulho de uma porta batendo. Somente mais tarde descobriram que essas reações eram causadas pela vibração do solo e pelos deslocamentos de ar, e não pela audição. Apesar disso, seus pais não conseguiam aceitar a ideia de que uma criança capaz de perceber vibrações pudesse ser surda. A partir daí a narrativa mostra o olhar dos pais para a criança surda e o início de um período de angústia e observação constante. Aos nove meses, receberam o diagnóstico de que seu bebê nasceu com surdez profunda. Iniciou-se uma sessão de testes e a preocupação era se ela iria falar. Na época, o encaminhamento era para o aparelho, reeducação ortofônica, sobretudo nada de linguagem gestual. Seus pais estavam completamente arrasados e, constantemente, procurando o culpado da situação, seja

herança genética ou doença no período da gravidez. Questionavam-se: Como lidar com uma criança surda? Seria difícil criar uma ligação entre mãe e filha?

Emmanuelle conta que da etapa entre zero e sete anos as lembranças lhe eram estranhas, como uma sequência de imagens sem relação umas com as outras, só com lembranças visuais. Futuro, passado, tudo em uma linha do espaço e tempo. Comenta que nunca conseguiu colocar datas neste período, como também ordenar o que fazia, pois tudo era imóvel; descobria as situações quando ocorriam, havia a ausência da linguagem, o desconhecimento das palavras, a solidão e o muro do silêncio.

Aprendeu a oralizar o á-bê-cê, representando-os por movimentos da boca e gestos da mão. A mãe assistia às sessões e aprendeu a falar com a filha. Uma comunicação instintiva, animal, com signos próprios, gesticulados (comer, beber, dormir), caracterizando-a de relação umbilical. Relata que começou a dizer algumas palavras, usava aparelho auditivo, que colocava ruídos em sua cabeça, todos iguais, era impossível diferenciá-los. Emmanuelle lembrava de sua maravilhosa coleção de bonecas. Recorda da necessidade que tinha de arrumá-las metodicamente antes de dormir. Talvez estivesse tentando arrumar tudo que havia vivido durante o dia, e desordenadamente, antes de ir dormir, ou exprimir o arranjo dessa desordem. Sentia-se como uma boneca, que, como ela, não fala.

No capítulo seguinte, intitulado ‘Ventre e Música’, Emmanuelle explora a desordem em suas memórias e sensações, destacando a dificuldade em ordenar suas lembranças. Associa cores a sons e percebe o mundo de forma muito visual, utilizando as cores e a luz como suporte para imaginar sons e entender cada situação. A visualidade é uma presença constante em sua percepção do mundo. Em particular, ela relembra o episódio da gravidez de sua mãe, onde sua percepção incluía a ideia de duas pessoas em uma só. Em relação aos conflitos, Emmanuelle nota diferenças na percepção entre sua mãe e seu pai: com a mãe os conflitos eram complicados, enquanto com o pai haviam momentos de diversão, embora ela questionasse a comunicação nessa relação. A descoberta de sua surdez, pelo pai, resultou em uma abordagem mais sensorial como, por exemplo, para compartilhar sua paixão pela música. Ele a levava a concertos, onde as vibrações e a experiência geral do espetáculo como jogo de luzes e vibração eram cruciais. Emmanuelle destaca a música como uma linguagem universal, indo além das palavras. Essa perspectiva sobre sua infância lança luz sobre as complexas relações familiares e suas experiências sensoriais.

O capítulo seguinte do livro é dedicado à sua experiência no maternal. Desenhava e desenhava e à noite refazia com a mãe. Comenta os desenhos animados que assistia na televisão, como o desenho chamado Titi e Grosminet, sobre um gato. Emmanuelle gostava muito deles, tinha um gato branco, sem nome. Brincava com ele. Sentia-se feliz. Um dia o gato morreu. Com o intuito de fazê-la entender a situação, seus pais disseram apenas ‘acabou’. Só que para ela significava que ele tinha desaparecido. Muito tempo depois é que compreendeu que morte era o fim. Associou o desaparecer em relação às pessoas adultas, como elas saíam e voltavam, imaginava que fossem imortais. Ao contrário das crianças surdas como ela, pois como não convivia com adultos surdos não sabia que existiam. Portanto, ela e as outras crianças surdas, nunca ficariam adultas, também desapareceriam.

No capítulo ‘Tifiti’ Emmanuelle fala sobre a independência que se tornava difícil neste mundo difícil, porque até para pronunciar esta palavra, Tifiti, tinha dificuldades. Não conseguia existir por si mesma, sem a proteção da mãe. Basicamente as coisas mais simples para uma criança ouvinte eram para ela um grande obstáculo. Tifiti é uma palavra que nasceu na infância, tendo em vista a dificuldade de pronunciar-la. Era usada quando queriam lhe ensinar algo e não atingiam o objetivo. Muitas vezes sentiu raiva, pois estava enjoada de ser prisioneira deste silêncio que as pessoas procuravam romper. Por isso, era Tifiti compreender o mundo, mas, ela tentava. Antes da Língua de Sinais havia a necessidade absoluta de ver para entender. Não existiam duas situações possíveis a partir de um mesmo elemento visual. Eu me chamo eu: enfatiza que na escola ensinaram-lhe o seu nome. Porém, sentia Emmanuelle um pouco exterior a ela.

No capítulo que fala sobre a escola, ela coloca como ocorreu a descoberta da Língua de Sinais. Aos sete anos de idade uma luz começou a brilhar, seu pai ouviu pelo rádio que o ator e diretor Alfredo Corrado falava, silenciosamente, a Língua de Sinais. Aquela que se fala no espaço, com as mãos, com a expressão do rosto e do corpo. Ele conseguiu, com a ajuda de um intérprete, contar que havia criado em 1976 o *International Visual Theatre* (IVT), o teatro para surdos. Ele trabalhava nos EUA e fizera seus estudos em uma universidade reservada aos surdos. Seu pai ficou feliz, pois saber de um surdo que cursava a universidade, ia de encontro a tudo que os ortofonistas, pediatras, pedagogos, tinham lhe assegurado: ela só sairia do isolamento através do aprendizado da linguagem falada.

Eles foram a Vincennes, perto de Paris, onde, certamente, encontrariam uma solução para todos seus problemas, porque lá é o mundo da realidade dos surdos. Ao chegar, viu duas pessoas conversando, não conseguia identificar qual delas era a surda. No seu conceito, surdo era aquele que usava aparelho auditivo. Olhava para aquelas pessoas, mãos, dedos que se mexem, expressão do rosto e também do corpo. Esse encontro marcou suas vidas. Um surdo adulto e sem aparelho! Neste momento percebeu que não estava sozinha no mundo, não morreria criança e tinha um possível futuro. Emmanuelle passou a frequentar oficinas de comunicação pais-crianças. A partir daí aprendeu as palavras e, em seguida, os pronomes pessoais, os quais lhe oportunizaram descobrir que ela era ‘EU’.

O capítulo seguinte, ‘Maria’, é sobre como não entendeu a gravidez de sua mãe, não sabia como Maria havia nascido. Descobriu a diferença entre o bebê e ela. Maria era ouvinte. A princípio ficou decepcionada, pois continuaria sozinha, não tinha cumplicidade com alguém, identificação. Notava que já não era mais o centro das atenções, dividia tudo com aquela ‘coisinha viva’. Percebia os cuidados de que uma criança necessitava, e sentia-se, na condição de surda, impossibilitada de um dia ser mãe. Quando falou desta situação, a mãe sugeriu que conversasse com os amigos surdos de Vincennes. Assim o fez e surpreendeu-se com a resposta: é só colocar um aparelhinho na orelha do bebê, ele faz funcionar um sinal luminoso quando o bebê chora. Ficou feliz. Viu que também poderia ser mãe.

Em ‘A cidade dos surdos’ ela aborda a cidade de Washington, considerada a cidade dos surdos. Para lá viajaram Emmanuelle e seus pais. Esta viagem foi organizada por Bill Moody, o intérprete de Alfredo Corrado, com o grupo do IVT, o primeiro teatro dedicado à cultura surda em França. O objetivo era descobrir a maneira de viver dos surdos americanos, conhecer a Universidade de Gallaudet. Emmanuelle ficou surpresa ao ver surdos por todos os lugares conversando e ela percebeu que a língua era praticada normalmente e sem complexo. Ninguém se esconde, ao contrário, os surdos têm orgulho. Percebeu que cada país tem sua Língua de Sinais, bem como sua cultura, mas, dois surdos estrangeiros conseguem se entender rapidamente, visto que possuem uma base de experiência visual. A esperança que ela recebeu no encontro com médicos surdos, advogados surdos, surda-cega, propiciou a ela a descoberta de que era surda, de que seus pais tinham outra língua e de que ela pertencia a uma comunidade. Tinha uma identidade e compatriotas.

Aprendeu a exprimir com sinais o tempo todo, compreendeu que o mundo não se limitava a seus pais. Tinha construído uma reflexão própria. Foram falando oralmente e voltaram da viagem falando a Língua de Sinais. Para Maria que ficou em Paris tudo ficou confuso. Após ensinamentos, ela passou a ser mais que uma irmã e se transformou em sua intérprete.

Em ‘Flor que chora’ Emmanuele salienta não saber a idade em que passou a compreender a diferença entre ficção e realidade. Como as referências eram visuais, possivelmente, tenha sido por meio de filmes. Entretanto, após a língua de sinais foi descobrindo o sentido das palavras e compreendendo-as. Na vida sentia sempre um afastamento em relação às cenas que aconteciam diante dos seus olhos: revia festas onde todos eram ouvintes. Certo dia, numa dessas festas, um cantor lhe ofereceu uma flor. Ao recebê-la sentiu uma forte emoção, chorou muito. Com certeza foi uma grande emoção por sentir-se integrada ao grupo.

O capítulo ‘É proibido proibir’ é sobre o seu ingresso num curso especializado na educação de surdos, numa escola que ministrava ensinamentos orais. Tinha uma professora que falava articulando exageradamente, retardando os movimentos da boca, e os alunos eram todos surdos e liam seus lábios. Emmanuelle ficou chocada, desanimada, pois aprendera a facilidade de sua língua e agora novamente seria uma estrangeira. Consciente do melhor para eles, salientou essa nova língua com sua estrutura, configuração do gesto, orientação, posicionamento das mãos, expressão do rosto, ressaltando que a partir dessa gramática pode expressar milhares de sinais. Precisava mostrar a todos os ensinamentos desta língua. Ao distribuir cartilhas foi repreendida, pois era proibido fazer publicidade desta nova língua na escola. Ficou indignada porque a língua que havia lhe aberto para o mundo era proibida a seus companheiros. Naquele contexto de proibições, o professor era, na sua opinião, contra o aluno e, sendo assim, nada mais justo que os alunos fossem contra ele.

‘Solo de Piano’ é capítulo em que Emmanuele, já com treze anos, encontrou em sua irmã Maria, de cinco anos, uma referência, sua cúmplice. Sua irmã, desde os três anos já tinha noção da língua de sinais. Aos cinco exprimia-se com facilidade. Emmanuelle aprendeu com sua irmã o que é compartilhar, as confidências, as brigas, o ódio e o amor. Maria a ajudava em tudo, continuou tendo essa função por toda a adolescência de sua irmã. Ela cresceu ao mesmo tempo que Emmanuelle, com uma vida dupla em relação a muitas coisas. Algumas vezes ela sentia ciúmes de Maria, ou melhor, frustração por ela

se relacionar com o pai e ela não conseguir. Relatou, também, que a frustração fez parte do universo de Maria. Quando todos exprimiam pela língua de sinais, a irmã sentia-se excluída.

O capítulo ‘Paixão Baunilha’ é sobre os conflitos e a revolução que se desencadeou em sua vida. Era contra o sistema, era contra a maneira pela qual os governantes cuidam da sociedade dos surdos. Essa realidade a desgostava e, por isso, decidiu não mais produzir em classe. Não queria mais aquelas aulas, as quais não lhe acrescentavam nada. Sua expectativa de vida, de mundo, agora era outra: viagens, passeios, novas culturas, outros povos. Sonhava com a vida, sabia que o fato de não escutar não a impedia de conhecer. Era contra tudo, só queria seu próprio mundo, sua própria língua, e que ninguém interferisse, impondo a ela preencher uma carência que não existia. Se nunca ouviu, logo não fazia falta.

Ainda sobre suas mudanças ela comenta sobre sua sexualidade. A mudança do corpo, estava se transformando em mulher. E junto a esta transformação a primeira paixão, sua paixão baunilha. Relata que amava os pais, a sua família, mas, era necessário outro amor. Aquele onde se aprende a respeitar as diferenças, aceitar o outro como ele é, superar a si mesmo. A ideia de revolta que povoava sua mente era o desejo de independência. Quem sabe recuperar algo que lhe faltou e não sabia dizer o quê. Seus pais ficavam apreensivos, pois Emmanuelle, segundo eles, se tornou irresponsável, namorava um rapaz surdo com um estilo de vida diferente do dela. Encontrava-se às escondidas.

A ‘gaiivota na gaiola’ é referente a um episódio triste que marcou profundamente Emmanuelle. Quando ela e os amigos retornavam para casa após um encontro, começaram a fazer arruaça dentro do metrô. Gesticulavam, faziam caretas, risos altos e os amigos arrancaram cartazes de publicidade, fato este que culminou com todos presos. Foi inútil a tentativa de justificar o incidente, como também implorar para que avisassem seus pais onde se encontravam. Trancafiada numa cela como uma criminosa. Que iria acontecer? Quanto tempo ficaria lá dentro? Era culpada de quê?

Depois de uma noite de horror, de ter gritado como uma gaiivota resolveram ajudá-la. Seu pai ao ser comunicado foi buscá-la. Ao lembrar-se do episódio, aquela sensação terrível de injustiça, de desprezo ainda persiste. Nunca mais esqueceria, pois, tinha certeza de que não poderia confiar em mais ninguém, porque havia o mundo dos ouvintes e dos mudos. Mais uma vez sentia o isolamento, a incomunicabilidade, dessa vez, acrescido da

humilhação e da péssima experiência de Emmanuelle mais três amigos de terem sido presos. Era a mais jovem do grupo, estavam bebendo sangria. Emmanuelle ainda não bebia álcool, na volta para casa no metrô, os quatro surdos haviam bebido e se comportaram muito mal, chamando a atenção.

‘É perigoso roubar’ é o capítulo que mostra seu lado político de transformação, de querer transformar seu engajamento em manifestações para o reconhecimento da língua de sinais. Acreditava que, como militante, propagaria ao mundo o direito à educação completa aos surdos. Salientou que estudava em uma escola oralista e quando saía dali, havia necessidade de recuperar a comunicação, a outra metade que não se compreende com professores oralistas. E assim como qualquer outra jovem, Emmanuelle também buscava aventuras. Um dia, porém, ultrapassou o limite. Agiu de forma errada ao roubar em uma loja. Novamente se viu envolvida com a polícia. Desta vez, era culpada da situação. Por sorte não foi presa, apenas advertida. O medo, a vergonha, conscientizaram-na do erro.

‘Comunicação aveludada’ é onde relata que, aos dezesseis anos, não tinha medo de nada. Saía, chegava tarde. De nada adiantava os alertas da mãe. Comentou que a partir do momento em que foi abordada por um motorista de táxi; ficou sozinha no elevador com um rapaz que praticava cenas imorais ficou apavorada, pois na hora que aconteceu esta situação brutal, sentia-se encurralada. Ela acredita que esse gênero de agressão pode ocorrer com qualquer pessoa. São riscos idênticos àqueles de jovens ouvintes revoltados, determinados e voluntariosos como ela. Também foi o período de divórcio dos pais, que foi muito dolorido. Relatou sobre os conflitos que frequentemente ocorrem entre ouvintes e surdos, principalmente, quando estão em grupos e em locais públicos. Não conseguia entender como comunicava-se com os dois mundos e eles não. Há sempre uma desconfiança em relação a eles. O primeiro passo sempre parte do surdo.

Sente confiança na sua mãe, sua irmã, com outros ouvintes, contudo, o que procura e talvez não o encontre: personalidade, educação, informação. Nesse período assumiu outra postura. Estava mais centrada. Recusa o extremismo de alguns surdos que quando chegam para o mundo; não querem viver com os ouvintes, querem ‘a terra dos surdos’.

Citou que às vezes escapava para seu mundo. Excluía-se por si mesma, sonhava e questionava: será que poderia viver sem os mudos? Não, tenho necessidade deles tanto quanto dos ouvintes com a sua comunidade que não faz esforços em entender os



reencontros de mãos, a espontaneidade, os signos que voam; o corpo que não mexe e os olhos que falam.

Em ‘Amor veneno’ fala sobre seu relacionamento com o namorado. Comenta da incompreensão dos pais em relação ao namoro deles, pelo fato de verem o rapaz com roupas agressivas. Para Emmanuelle ele tinha esses problemas por ter tido uma infância difícil, porém, confiava nele. Um dia, em uma festa, ela o surpreendeu com outra menina, desabando o seu castelo de fadas. Sentiu raiva, a cabeça e o coração em desordem. Aos dezessete anos sofreu esta desilusão amorosa. Como estava decidida a não o perdoar, ele a chantageou cortando os pulsos. Sentindo-se culpada, pensando que ele havia morrido, sofreu muito. A partir daí ela olhava com desconfiança os rapazes.

Em ‘Gaivota cabeça de idiota’ conta a vida desregrada que estava levando. Bebia, fumava, voltava de madrugada para casa, não obedecia aos pais. Ponderava que toda turma bebia, e sentiam prazer para dançar. Seus pais acreditavam que nesta rebeldia estivesse implicada a surdez, pela dificuldade de adaptar-se ao mundo. Ela queria ultrapassar seus limites, não queria ver a realidade de frente, queria fugir dos problemas da surdez, da vida social e da escola. Questionava que não servia para nada, não fazia nada, passava o tempo com a turma, protestando.

‘Sol, Sóis’ é o capítulo em que enfatiza sua preocupação com seu futuro. Teria uma profissão? Como viveria? Seria professora de surdos? Coloca que sempre amou a arte e a criação. Aos oito anos já havia feito um estágio de teatro, o qual consideravam o Sol em sua vida de criança. Seus pais incentivaram as artes, depois de concluir o bacharelado.

Enquanto aguardava, arrumou emprego de *baby-sitter*. Viajou por vários países. Ganhou dinheiro. Conseguiu sua independência. Um dia sua mãe ligou a fim de anunciar outro sol: precisavam de figurantes para um filme. Ela foi selecionada e participou dele. Era sobre a declaração dos direitos do homem.

Em ‘Aids Sol’ salienta a falta de uma informação adequada sobre a Aids. Estava em um meio que necessitava de mais informação e comenta que as campanhas de prevenção sobre a Aids são feitas pelos ouvintes e para os ouvintes. Elas não possuem legenda nenhuma. Salienta que, a sigla HIV em imagem é um círculo laranja ornado por agulhas, criando confusão. Só os ouvintes entenderam que Aids é igual ao sol, igual a perigo. Já para os surdos significam não se expor ao sol. Afastam-se do símbolo da vida sobre a terra para fugir da morte. E por isso, o relato da sua participação em um grupo de

voluntários, criado em 1989, foi muito importante pelo alerta, pois, foi melhor conhecer a doença, para pensar, juntamente com eles, a melhor maneira de propagar a informação em sua comunidade.

Em ‘Não me conformo’ conta a vida de uma amiga, surda como ela, que aprendeu a língua dos sinais, mas, seus pais não. Sua amiga se revoltava, não tinha um bom relacionamento com os pais, os quais a tratavam como uma doente, deficiente. Só seria normal se escondessem a surdez e a obrigassem a falar. Queriam que ela fosse igual a eles. Diferente dos seus pais que aceitaram a diferença e a compartilharam com ela.

Relatou, também, a história de Sylvie que até os quinze anos pensava em ser a única surda do mundo, porque seus pais fizeram-na acreditar. Ela cresceu na ignorância, na solidão. Comentou que um colega de classe (ouvinte) explicou que existiam outros surdos e ela não acreditou. O colega a leva à estação de metrô, local de encontro dos surdos, onde Sylvie pôde constatar a realidade. Revoltada, culpou seus pais por todo isolamento, ao negá-la.

Em ‘Bacharelado silencioso’ Emmanuelle passava o tempo com os dicionários e os livros. Para um surdo a construção de frases é difícil. Em 1991, ano do bacharelado, ela estudou muito, foi aprovada e, para não desanimar completamente fez, também, um curso por correspondência, geografia, filosofia, história, francês e inglês.

‘Olhar silencioso’ é quando Emmanuelle recebeu uma notícia que mudaria o rumo de sua vida. O diretor de teatro a convidou para participar da peça “os filhos do silêncio”, em sua nova encenação. Já havia assistido esta peça quando tinha dez anos e sabia da enorme responsabilidade que seria atuar, fazendo a personagem Sarah.

Em ‘Senhor médico de implantes’ ressaltou a validade deste tipo de cirurgia. Se o implante coclear, por meio de eletrodos de platina introduzidos no ouvido que codificam os sons e os enviam em forma de sinais para o nervo auditivo, seria a solução ou a purificação. Isto seria querer um mundo perfeito. Comentou que ela faz parte da minoria dos surdos de nascença, com uma cultura particular, com uma língua particular. Não aceitava dos médicos, pesquisadores fazerem deles, a qualquer preço, ouvintes. Mesmo que pesquisadores detectassem o gene que os fez nascerem surdos e conseguissem consertá-lo, recusaria, por princípio.

Em ‘Levantando voo’, comenta sua aprovação no exame de bacharelado, e seu ingresso no teatro. Para ela, o teatro era uma profissão, um verdadeiro trabalho. Aprendeu muito o papel, mas, principalmente, a viver em grupo, com os atores. O importante era

não se deixar perturbar por visões distintas, e sim, representar e sentir Sarah. Ela tinha consciência de que a personagem era diferente dela, pois se recusava a falar, era infeliz, levava em si mesma o sofrimento da exclusão. Um mês e meio de ensaio, sendo Sarah e chegou o dia da estreia. Sentiu medo, nervosismo, porém, representou como se estivesse em outro lugar.

‘Os Filhos do Silêncio’ é o capítulo sobre o desafio entre dois mundos: ouvinte e surdo. Foi dirigido por dois diretores, sendo um ouvinte e o outro surdo, com suas diferenças na compreensão do personagem. Havia conseguido representar toda peça sem esquecer o texto. As críticas foram maravilhosas. Eles seguiram em frente. Levantaram voo. A peça foi indicada para o Molière, Emmanuelle para o prêmio de melhor atriz, revelação 1993 e o diretor, Jean, adaptação do melhor espetáculo.

Em ‘Gaivota em suspense’ tentou descrever sua emoção enquanto aguardava o dia da premiação. Foi um dia de preparativos, pessoas de talento reunidas, seus pais, Maria, em outra sala. Era uma novata que aterrissou neste círculo de profissionais. Estava nervosa, duas emoções poderiam acontecer em alguns minutos: levantar voo ou ficar no lugar. Emmanuelle, junto com Jean e com a intérprete, observou rasgarem o envelope. Foi Jean quem ouviu o nome dela. Ela levantou como uma nuvem e o caminho até o palco pareceu-lhe interminável. Não queria chorar. Conseguiu fazer o sinal de obrigada. Recebeu o prêmio e estava feliz por todos os surdos, pois, era a primeira vez que um surdo era reconhecido como um ator profissional e recebeu o Molière.

Em ‘Até mais’ descreve que logo após a premiação foram muitos dias de agitação. Jornalistas, entrevistas, fotógrafos, programas de televisão, convites para outros filmes, várias apresentações da peça em outros lugares. Sentia-se orgulhosa que o mundo da mídia se interessava, por seu intermédio pelo mundo dos surdos, pois, cada jornalista parecia estar descobrindo esta comunidade. Algumas coisas a deixavam triste: a manchete que se destacava: ‘a surda-muda recebe o Molière’, a pergunta repetitiva: ‘como é seu silêncio?’ Ela respondia não ser igual ao deles, o dela seria o de ter os olhos fechados, as mãos paralisadas, o corpo insensível, a pele inerte; ‘você vai ter filhos?’; ‘Tem medo de que ele seja surdo ou ouvinte?’. Respondia a todos que fosse surdo ou ouvinte, seria bilíngue. Comentou que era uma gaivota que amava o teatro, a vida, os dois mundos: o dos filhos do silêncio e o dos filhos do barulho. Que ela cresceu e voava com suas próprias asas e que seu coração não era surdo a nada neste duplo mundo.

Ao refletir sobre as narrativas presentes neste trabalho, desde a infância até a vida adulta de Emmanuelle, somos levados a considerar a importância de dar sentido aos eventos que escapam ao que está posto como uma regra e entender as vidas subjetivadas pelos atravessamentos e experiências únicas de cada sujeito. Desde a chegada de sua irmã até suas relações com o mundo ao seu redor, suas bonecas, animais de estimação e sua profunda apreciação pela música, cada experiência contribuiu para sua existência surda. As narrativas, também revelaram uma adolescência marcada por desafios e frustrações, mas, também por descobertas e conquistas que a levaram a entender-se, questionar-se, resistir e consolidar-se como uma artista na vida adulta.

Nos aproximamos das ideias de Larrosa sobre a experiência: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2011, p.21).

As narrativas de Emmanuelle nos lembram da importância de dar sentido às nossas experiências, pois, é através delas que construímos quem somos e como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Ao entender as histórias de vida, depois anos e várias leituras em tempos distintos, é comum as diferentes compreensões ao longo destes trinta anos. As suas narrativas contam histórias e, contando histórias, nossas histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que damos a nós próprios uma identidade no tempo (LARROSA, 2011).

Além de homenagear a autora e a obra, viemos salientar o nosso olhar ressignificado para a experiência surda vivida e narrada por Laborit. A experiência está para além das línguas, culturas e de tudo que foi marcado como sendo de surdo ou de ouvinte, como mundos distintos, mas sim, naquilo que foi vivido como sujeito de uma experiência de vida outra. Outro modo de entender e conceber o mundo.

Conforme a autora, através da língua de sinais ela encontrou a grande chave que abriu a grande porta que a separava do mundo. Na adolescência, assim como qualquer adolescente ouvinte ou não, sentia-se dona do mundo, com seus sonhos, amores, fantasias, conflitos e uma imensa vontade de alçar voo. Tornou-se militante a favor da sociedade de surdos, entendendo sua existência sendo manipulada e sua identidade apagada e por isso ‘grito da gaivota’ ecoa nos diversos tempos e lugares deste mundo.